



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13411 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

ESTUDOS COM OS COTIDIANOS: QUEM SÃO? COMO VIVEM? DO QUE SE ALIMENTAM?

Leonardo Ferreira Peixoto - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Maria Cecilia Sousa de Castro - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Thamy Lobo - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPEAM

**ESTUDOS COM OS COTIDIANOS: QUEM SÃO? COMO VIVEM? DO QUE SE ALIMENTAM?** [\[1\]](#)

## Resumo

Este trabalho analisa os caminhos percorridos pelas pesquisas com os cotidianos, desde a sua emergência até a sua constituição enquanto um campo '*políticoepistemológico*' na área da pesquisa educacional. Questionando a noção de história como linha do tempo, dialogamos com a filosofia yorubá para pensarmos com Exu que passado, presente e futuro não seguem essa lógica linear. Defendemos a noção de que o campo dos estudos com os cotidianos é migrante, se constitui em redes de '*conhecimentossignificações*' e se alimentam de criatividade.

**Palavras-chave:** cotidianos; campo; pesquisa em educação

## Introdução

Em 2021, quando elaboramos a proposta de criação do Grupo de Estudos Cotidianos: éticas, estéticas e políticas (GE) para ser submetido à Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), fomos solicitar a assinatura de um importante nome do campo dos estudos curriculares do Brasil, Prof. Antonio Flavio Barbosa de Oliveira, que se

dispôs a apoiar o movimento, mas não sem antes nos fazer o seguinte questionamento: “Mas cotidiano não é currículo?”. A resposta que demos de maneira aligeirada foi: “É, mas não é só isso!”

Depois de aprovada a criação do GE na Assembleia da 40ª Reunião Nacional (RN) da ANPEd, e tendo em perspectiva a realização da primeira reunião do GE na RN de 2023, lembramos de uma coisa que aprendemos com Inês Barbosa de Oliveira: “precisamos ser generosos com nossos leitores, ninguém é obrigado a saber de tudo”. Esta é uma fala que ecoa entre nós. Podemos dizer que este texto é uma tentativa de sermos generosos com quem não conhece o campo dos estudos com os cotidianos. Nosso objetivo é analisar os caminhos percorridos pelos movimentos das pesquisas com os cotidianos, desde a sua emergência, quando era uma questão que mobilizava as produções de Nilda Alves, Regina Leite Garcia e seus orientandos na Universidade Federal Fluminense, até o momento em que ele se constitui enquanto um campo ‘*políticoepistemológico*’ <sup>[2]</sup> na área da pesquisa educacional brasileira.

Inicialmente, utilizamos como metodologia de trabalho a análise de três importantes coletâneas que são significativas para o campo. Não se trata aqui de resenharmos estas obras, mas estas análises dão pistas sobre o fluxo migratório das pesquisas com os cotidianos. Na primeira parte do texto, **Quem são?**, vamos analisar quem eram, de onde partilharam as autorias do campo e como podemos perceber o seu fluxo migratório. Na segunda parte do texto, **Como vivem?**, vamos analisar os movimentos das pesquisas com os cotidianos a partir de três textos de Nilda Alves, que se encontram nas três coletâneas. Na terceira parte do texto, **Do que se alimentam?**, vamos nos valer do principal alimento do campo dos estudos com os cotidianos: a criatividade; para dialogarmos com produções recentes e repensarmos a própria noção de campo científico, como campo ‘*políticoepistemológico*’.

## O que são?

Não temos a pretensão de dar conta de definições que estatizem e limitem as possibilidades de ser, muito menos afirmar que somos apenas as/os autoras/es aqui citadas/os, mas tomamos como possibilidade de percepção do fluxo migratório do campo, a análise de três importantes coletâneas: OLIVEIRA & ALVES (org.), 2001; OLIVEIRA & ALVES (org.), 2008; OLIVEIRA, PEIXOTO & SUSSEKIND (org.), 2019. Este foi apenas um caminho, entre os tantos possíveis, para mostrar como uma questão que surge da preocupação de Nilda Alves com a desqualificação da escrita das professoras se migra, se transforma e passa a constituir o que entendemos agora como um campo ‘*políticoepistemológico*’. Em uma entrevista a Alexandra Garcia e Inês Barbosa de Oliveira, Nilda Alves comenta sobre o início da parceria com Regina Leite Garcia e seus orientandos na Universidade Federal Fluminense:

Nilda: Aí começa a se pensar e a formular as questões iniciais das pesquisas com os cotidianos escolares. Partiu dali, sem dúvida. Uma questão que

estava muito clara pra mim desde o começo, mas que vai ganhando força com esse grupo, é a necessidade de ter uma escrita outra, uma escrita que desse para todo mundo entender, e isso foi motivo de muito problema para mim no começo, pois eu ouvi coisas como: “você escreve como professora primária”, “você escreve mal”, “você não tem uma escrita acadêmica”. E isso afetou meus orientandos, na época. Eu não ligava, estava me “lixando” um pouco para isso, mas o problema é que isso estava atingindo meus orientandos. Eu queria que os professores me entendessem. Isso vai ganhar plenitude, na coleção “O Sentido da Escola” que eu e Regina (Leite Garcia) organizamos na DP&A e vai ganhar sua prática, mais expressa, em Angra dos Reis, no curso e em outras ações curriculares e pedagógicas aí desenvolvidas. (OLIVEIRA & GARCIA (org.), 2015, p. 53)

Ao analisarmos as três coletâneas, percebemos o quanto o campo das pesquisas com os cotidianos é migrante. Nas duas primeiras coletâneas (OLIVEIRA & ALVES (org.), 2001 e 2008) temos o total de 8 (oito) autores ligados a três instituições de ensino superior brasileira, sendo somente um autor do Espírito Santo e as demais do Rio de Janeiro. A terceira coletânea traz o total de 28 (vinte e oito) autoras/es, vinculados à 8 oito instituições de ensino superior brasileiras (Rio de Janeiro, Amazonas, Espírito Santo, Bahia, Goiás) e um autor vinculado à Universidad de Sevilla, na Espanha, evidenciando o potencial internacionalizador de nossas pesquisas. Como afirmamos acima, não estamos limitando o campo ‘*políticoepistemológico*’ dos estudos com os cotidianos à estas produções e a estes autores, mas conseguimos perceber a potência da consolidação do campo, quando analisamos estas obras. As/os ‘*praticantespensantes*’ das pesquisas com os cotidianos são migrantes, múltiplos, fluidos e plurais.

### Como vivem?

Enquanto estava parada sobre o dique olhando para a correnteza, me dei conta de que, apesar dos perigos envolvidos, uma coisa em movimento sempre será melhor que uma coisa em repouso; que a mudança sempre será mais nobre do que a estabilidade; que o imóvel precisa se decompor, degenerar e virar pó. E aquilo que se movimenta pode durar por toda a eternidade. (TOKARCZUK, 2021, p.13)

Seguindo a provocação do *meme* <sup>[3]</sup> para tentarmos abordar as características dos estudos com os cotidianos, geralmente quando estamos diante de uma pergunta como a que propusemos neste subtítulo: *Como vivem?* esperamos a descrição de uma rotina, de um esquema, de uma “verdade”, que ao menos dê conta da nossa curiosidade. Só que se formos buscar nos cotidianos algo para utilizarmos como exemplo para essa explicação, a resposta não será que a se aprisione em uma única definição, uma que reduza a ideia para que assim seja mais fácil a compreensão. A resposta será que pensamos que os ‘*conhecimentossignificações*’ que produzimos, são sempre situacionais. Se os pesquisadores

com os cotidianos são migrantes, entendemos que vivemos em redes. Nossas análises são ‘*espaçotemporais*’, não que tenhamos problemas com as definições, mas entendemos que elas precisam estar sempre em condições de serem questionadas e rompidas.

São muitos os cotidianos de que fazemos parte. Plurais e complexos, os cotidianos não se reduzem a uma única explicação, rompem com a dicotomia entre micro e macroanálise e exigem de nós, um constante repensar das nossas práticas como pesquisadores. (ANDRADE, CALDAS e ALVES, 2019, p.20)

Podemos acompanhar algumas dessas mudanças em três<sup>[4]</sup> textos principais acerca destes estudos, que abordam as questões ‘*teóricometodológicaopolíticasepistemológicas*’ das pesquisas com os cotidianos: 1) *Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas* (ALVES, 2001 e 2008); 2) *Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos* (ALVES, 2008); e 3) *Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles* (ANDRADE, CALDAS e ALVES, 2019). Nos escritos, além de acompanharmos a emergência dos movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos, somos apresentados às mudanças que estes movimentos foram submetidos, sendo acrescentados e/ou modificados. Mudanças realizadas a partir de conversas, de sentidos e criações do campo, com o campo educacional do Brasil e do Mundo.

No primeiro texto, somos apresentados a quatro movimentos: *O sentimento do mundo*, que aborda a questão do mergulho necessário nas questões que se deseja pesquisar; *Virar de ponta cabeça*, onde já somos apresentados a ideia de se repensar e traçar outros caminhos durante os estudos; *Beber em todas as fontes*, acerca da necessidade de buscar, inclusive em outros campos, ideias e caminhos e *Narrar a vida e literaturizar a ciência*, abordando a importância de provocarmos a possibilidade de escritas outras, para além do que se espera da escrita acadêmica hegemônica. No segundo texto, acompanhamos a autora em seu movimento de revisitar o texto anterior, acrescentando assim um quinto movimento: *Ecce femina*, destacando a importância de quem está nas redes educativas para as pesquisas no campo da educação: as mulheres, em maioria. No terceiro texto, são acrescentados aos movimentos: *A circulação dos ‘conhecimentossignificações’ como necessidade*, que aborda os alcances dos estudos; a mudança do *Virar de ponta cabeça* para *Ir além do já sabido*, que amplia a ideia anterior; e a mudança do movimento *Beber de todas as fontes* para *Criar nossos personagens conceituais*, repensando a ideia de que não existem fontes.

Estas mudanças acompanham não somente as questões sociais que se destacam de tempos em tempos, como também alterações que possibilitam repensar a própria maneira de se fazer pesquisas, pois outra característica do campo ‘*políticopistemológico*’ dos cotidianos é a sua capacidade de nos fazer ‘*verouvirsentirpensar*’ maneiras outras de se produzir ‘*conhecimentossignificações*’.

## Do que se alimentam?

*Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje* <sup>[5]</sup>

Exu é caminho. Exu é movimento. Exu é quem responde pela comunicação entre o visível e o invisível. “Cada ser vivo, cada elemento da natureza e cada orixá tem um Exu particularizado, porque sem sua presença e sem seu dinamismo e impulsionamento seria impossível a existência.” (KILEUY & OXAGUIÃ, 2009, p. 2020)

Exu de tudo come, de tudo se alimenta, “bebe de todas as fontes” ou “cria personagens conceituais”. Exu e o campo dos estudos com os cotidianos tem muito em comum. A comida preferida do nosso campo é a criatividade. E se ainda restam dúvidas de que somos um campo, trazemos para essa conversa o que nos tem a dizer Pierre Bourdieu (2011) sobre o campo político:

Falar de campo político é dizer que o campo político (e por uma vez citarei Raymond Barre) é um microcosmo, isto é, um pequeno mundo social relativamente autônomo no interior do grande mundo social. Nele se encontrará um grande número de propriedades, relações, ações e processos que se encontram no mundo global, mas esses processos, esses fenômenos, se revestem aí de uma forma particular. É isso o que está contido na noção de autonomia: um campo é um microcosmo autônomo no interior do macrocosmo social. Autônomo, segundo a etimologia, significa que tem sua própria lei, seu próprio nomos, que tem em si próprio o princípio e a regra de seu funcionamento. É um universo no qual operam critérios de avaliação que lhe são próprios e que não teriam validade no microcosmo vizinho. Um universo que obedece a suas próprias leis, que são diferentes das leis do mundo social ordinário. (BOURDIEU, 2011, p.194-195)

Somos um campo *políticoepistemológico*. A criação do Grupo de Estudos Cotidianos: éticas, estéticas e políticas na ANPEd é um acontecimento.

## Algumas Considerações

*... a Vila Não quer abafar ninguém,  
Só quer mostrar que faz samba também*

Noel Rosa – Palpite Infeliz

Não incomumente somos acusadas/os de não produzirmos conhecimento. Desqualificam os estudos com os cotidianos e nós, pesquisadoras e pesquisadores por falta de

compreensão de nossas produções. Este é um campo brasileiro, forjado por mulheres, por professoras, que sempre perceberam nos cotidianos escolares o potencial criativo, inventivo e inovador. Inovação é uma palavra que foi apropriada pela lógica capitalista hegemônica para reforçar a lógica do descarte do passado. Para nós, passado, presente e futuro não obedecem a esta lógica linear. Por isso, Exu pode matar um pássaro ontem com a pedra que só lançou hoje. Continuamos a dialogar e a produzir ‘*conhecimentossignifcações*’ com os textos, imagens e sons produzidos ontem, hoje e possivelmente, poderemos estar presentes nos textos, imagens e sons produzidos no futuro.

## Referências

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

BOURDIE, Pierre. O campo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, janeiro-julho de 2011, pp. 193-216.

GARCIA, Alexandra, OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org). **Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

KILEUY, Odé; OXAGUIÃ, Vera de. **O Candomblé bem explicado**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÛSSEKIND, Maria Luiza. **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas**. Curitiba: CRV, 2019.

TOKARCZUK, Olga. **Correntes**. São Paulo: Todavia, 2021.

---

[1] O título que escolhemos, faz uso de um *meme*, relacionado a um famoso programa jornalístico da televisão brasileira: o Globo Repórter. Ao optarmos por trazer um meme como título, damos pistas de que produzir e narrar as pesquisas com os cotidianos, pode ser que tenha lá as suas invencionices. E se tem uma coisa de que podemos

ser acusados: é de que inventamos.

[2] É comum às/aos autoras/es das pesquisas com os cotidianos inventar palavras que não existem no nosso idioma para que possamos expressar aquilo que queremos, mas por limitações de vocabulário não conseguimos. Essas invenções, normalmente, se dão pela junção de palavras, como neste caso. Não temos uma palavra em português para expressar que algo é político e epistemológico, ao mesmo tempo, sem a possibilidade de pensarmos essas duas coisas separadamente. A não existência de um vocabulário que dê conta do que queremos expressar, nos provoca a criar. Por serem neologismos e para que percebam que não é um erro de digitação, essas palavras são grafadas em itálico e com aspas simples.

[3] No título do resumo expandido.

[4] Os dois primeiros textos são de autoria de Nilda Alves. O terceiro é produzido em coautoria com Alessandra Nunes Caldas e Nívea Andrade.

[5] ‘*Conhecimentossignificação*’ da filosofia Yorubá transmitido de forma oral nos terreiros de religiões de matrizes africanas no Brasil.